

**Rodada desastrosa:** Sem fazer gol, Fla, Flu, Botafogo e Vasco perdem

ESPORTES

**O GLOBO**

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho



**Desespero.** Flamengo de Dorne foi goleado; Vasco de Sá Pinto entrou no Z-4

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 2020 ANO XLVII - Nº 33.871 - PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ - R\$ 5,00 2ª EDIÇÃO

# ANO LETIVO AMEAÇADO

## Maioria dos alunos das favelas do país ficou sem estudar na pandemia



Futuro ameaçado. Grupo de risco e moradora de comunidade na Vila Kennedy, no Rio. Suelen Pires precisou escolher entre comprar comida a ter crédito no celular para as filhas estudarem

BRUNO ALFANO

bruno.alfano@globo.com

Mais da metade (55%) dos estudantes de favelas do Brasil está sem estudar durante a pandemia. Parte (34%) não consegue participar por falta de acesso à internet, e outra parcela (21%) não está recebendo as atividades da escola ou faculdade na qual está matriculada.

A informação é de uma pesquisa obtida com exclusividade pelo GLOBO e realizada pelo Instituto DataFavela, uma parceria entre o Instituto Locomotiva e a Central Unica das Favelas (Cufa). O levantamento ouviu 3.585 alunos, universitários e pais de estudantes de comunidades de todo o país, entre 9 e 10 de setembro.

— A desigualdade de educação,

uma das causas estruturais da econômica, tende a se aprofundar. É um dado preocupante — diz Renato Meirelles, presidente do Locomotiva. A pesquisa revela os motivos centrais que afastam alunos de favelas das atividades educacionais remotas: falta de local adequado de estudo; má conexão com a internet e ausência de dispositivos adequados; e distância dos professores.

“Alunos se queixam da falta dos espaços para debates, discussões e dúvidas — e reclamam que gastam muito mais tempo para ouvir os conteúdos ou responder a dúvidas”, informa o trabalho.

Suelen Pires, de 28 anos, precisou escolher comprar comida a ter crédito no celular. Transcrista que faz bicos vendendo empadas e coxa-

das, a moradora da Vila Kennedy, no Rio, não pôde trabalhar durante a pandemia. De renda, teve só o Bolsa Família (R\$ 345 mensais), já que não conseguiu acessar o auxílio emergencial. Por isso, as irmãs Geovanna e Gabrielle, de 9 e 11 anos, ficaram de março a outubro sem estudar.

— Minha casa é muito úmida. Eu e minha filha já tivemos tuberculose e, por isso, ficamos com problemas pulmonares. Sou “de risco” e fiquei em casa durante a pandemia para nos proteger — diz Pires.

Sem poder receber as crianças presencialmente, a escola das meninas, o Ciep Vila Kennedy, adotou o ensino remoto com o envio de um link para os pais com os conteúdos da semana. Sem crédito no celular, Suelen Pires não conseguia

acessar o material. Em outubro, ganhou um chip do Alô Social, campanha da Cufa que arrecadou e distribuiu 500 mil chips em quase 5 mil favelas assistidas pela organização em todo o Brasil. Eles foram entregues para mães que poderiam rotear a conectividade para outros aparelhos.

### SEM ESTRUTURA

Mas na casa da Vila Kennedy não era possível rotear. Todo mundo divide o mesmo aparelho. Por isso, a transcrista — que mora com mais uma filha e a irmã, desempregada — recebe o material, copia no caderno e estuda com as filhas.

— A mais velha tem dificuldades e está fazendo o 3º ano pela segunda vez. Ela só consegue estudar com minha ajuda — diz. — A hora do estudo é sé-

ria, igual refeição, tem que prestar atenção. Não tenho paciência igual a da professora, que até me ajuda muito pelo celular. Mas não é a mesma coisa que na escola.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Catarina Santos diz que as redes precisarão reorganizar os currículos para recuperar a aprendizagem de quem ficou tanto tempo afastado da escola e também dos que acompanharam as aulas remotas, mas não aprenderam o necessário.

— É preciso fazer uma avaliação diagnóstica para saber o que precisa ser recuperado e pensar em ações específicas para cada escola. Um exemplo seriam períodos de calendário letivo determinados por etapas de desenvolvimento. Não

## SEM AULA NA FAVELA MAIORIA NÃO ESTUDOU NA PANDEMIA

Mais da metade (55%) dos alunos de favelas do Brasil ficou sem estudar durante a pandemia, mostra estudo do Instituto Locomotiva e da Cufa. **PÁGINA 8**



Prioridade. Moradora da Vila Kennedy, no Rio, Suelen Pires precisou optar entre comida e crédito no celular

## contra Covid

**RELAÇÃO BILATERAL**  
Indústria aposta em novos acordos

S. Setores da indústria brasileira, como os

**Arce assume na Bolívia com discurso de reconciliação**

O novo presidente da Bolívia, Luis Arce, do

“É preciso fazer uma avaliação para saber o que precisa ser recuperado e pensar em ações específicas para cada escola”

— Catarina Santos, professora da Universidade de Brasília

“Eu e minha filha já tivemos tuberculose e temos problemas pulmonares. Fiquei em casa durante a pandemia para nos proteger”

— Suelen Pires, transcrista, moradora da Vila Kennedy, no Rio

“O favelado tem a capacidade de tratar. Não há plano

— Celso Athayde, presidente

**DATA**  
FAVELA

**LOCOMOTIVA**  
PESQUISA & ESTRATÉGIA

# Maioria dos alunos que moram em favelas ficou sem estudar na pandemia, mostra pesquisa

09 DE NOVEMBRO DE 2020

RIO - Mais da metade (55%) dos estudantes de favelas do Brasil estão sem estudar durante a pandemia. Parte (34%) não consegue participar por falta de acesso à internet, e outra parcela (21%) não está recebendo as atividades da escola ou faculdade na qual está matriculada.

A informação é de uma pesquisa obtida com exclusividade pelo GLOBO e realizada pelo instituto Data Favela, uma parceria entre o Instituto de Pesquisa Locomotiva e a Central Única das Favelas (Cufa). O levantamento ouviu 3.585 alunos, universitários e pais de estudantes de comunidades de todo o país, entre 9 e 10 de setembro.

— A desigualdade de educação, que é uma das causas estruturais da desigualdade econômica, tende a se aprofundar. É um dado que me preocupa — afirma Renato Meirelles, presidente do Locomotiva.

Ainda segundo o estudo, os principais motivos que afastam alunos de favelas de atividades educacionais remotas são a falta de local adequado de estudo, que seja sem barulho e permita concentração; má conexão com a internet e ausência de dispositivos adequados; e a distância dos professores.

“Alunos se queixam da falta dos espaços para debates, discussões e dúvidas — e reclamam que gastam muito mais tempo para ouvir os conteúdos ou respostas a dúvidas”, afirma o trabalho.

Na casa de Suellen Pires, de 28 anos, ela precisou escolher comprar comida a ter crédito no celular. Trancista que faz bicos vendendo empadas e cocadas, a moradora da Vila Kennedy, na Zona Oeste do Rio, não pôde trabalhar durante a pandemia. De renda, teve só o Bolsa Família (R\$ 345 mensais), já que não conseguiu acessar o auxílio emergencial. Por isso, as irmãs Geovanna e Gabrielle do Nascimento, de 9 e 11 anos, ficaram de março a outubro sem estudar.

— A minha casa é muito úmida. Eu e uma das minhas filhas já tivemos tuberculose e, por isso, ficamos com problemas pulmonares. Então sou de risco e fiquei em casa durante a pandemia para me proteger e proteger minhas filhas — conta Suellen.

## Aprendizagem prejudicada

Sem poder receber as crianças presencialmente, a escola das meninas, o Ciep Vila Kennedy, adotou o ensino remoto com o envio de um link para os pais dos alunos com os conteúdos da semana. Sem crédito no celular, Suellen não conseguia acessar o material. Em outubro, ela ganhou um chip do Alô Social, uma campanha da Cufa que arrecadou e distribuiu 500 mil chips de celular em quase 5 mil favelas assistidas pela organização em todo o Brasil. Eles foram entregues para mães, como Suellen, que poderiam rotear a conectividade para outros aparelhos.

Mas na casa da moradora da Vila Kennedy não era possível rotear. Lá só tem um celular para todo mundo. Por isso, a chefe de família — que mora com mais uma filha e a irmã, desempregada — recebe o material, copia no caderno e se senta com as filhas pra estudar.

— A minha de 9 anos é muito esperta. Tenho medo de, por causa do ano perdido, ela ter dificuldade na volta. Já a mais velha tem dificuldades e está fazendo o 3º ano pela segunda vez. Ela só consegue estudar com minha ajuda — diz Suellen. — E a hora do estudo é hora séria, igual refeição. Elas têm que prestar atenção. Mas a gente não tem a paciência igual a professora, que até me ajuda muito pelo celular. Não é a mesma coisa que na escola.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Catarina Santos afirma que, quando for possível o retorno às escolas com segurança, as redes vão precisar reorganizar os currículos para recuperar a aprendizagem dessas crianças que ficaram tanto tempo afastadas da escola e até aquelas que acompanharam as aulas remotas, mas não aprenderam o necessário.

— É preciso fazer uma avaliação diagnóstica para saber o que precisa ser recuperado. Com o diagnóstico de cada criança, tem que pensar uma ação necessária para cada escola. Pode ser, por exemplo, períodos de calendário letivo que não precisam estar vinculados a um ano, mas em etapas de desenvolvimento para que elas aprendam o que é essencial do ano que o aluno estava matriculado na pandemia antes de passar para o seguinte — explica a especialista. — O que não dá é para fazer de conta que nada aconteceu e não pensar um programa de recuperação especial.

Celso Athayde, presidente da Cufa, afirma que crianças nas favelas têm sempre maior risco de evasão. Pais presentes, diz ele, minimizam isso. No entanto, ele alerta, esse é um momento de dificuldades acumuladas — crise financeira, pandemia, desesperança, entre outras — que podem tirar o foco da família em relação aos estudos de seus filhos.

— Chega um ponto que a pandemia parece não ter fim, e essas pessoas começam a ver o mundo como algo que está acabando. E isso se reflete nos filhos. Tem extrato da sociedade que estuda para ser patrão. Na favela, é estudar para ser um bom empregado — diz.

A pesquisa do Data Favela ainda captou um sentimento de angústia que perpassa pelos moradores das comunidades durante a pandemia: 75% dos pais e mães de alunos sentem muito medo da possibilidade de seus filhos perderem o ano; 47% dos estudantes temem querer desistir da escola se não conseguirem acompanhar as aulas remotas; 71% dos pais se sentem muito inseguros em mandar as crianças de volta para a escola presencialmente; e 90% acreditam que as escolas não vão estar preparadas para um retorno seguro.

— Esse medo é uma tônica do território. A favela convive com o medo sempre — diz Athayde. — Na pandemia, o favelado tem a convicção de que não vai ter atendimento médico adequado para se tratar. Esse cara não tem plano de saúde para recorrer.

Já Meirelles afirma que o país precisa intensificar estratégias como a obrigatoriedade de matrícula dos filhos para a garantia de acesso a programas de renda, como o Bolsa Família, com o objetivo de garantir que as crianças e adolescentes não abandonem as salas de aulas do país.

### **Celular na mão**

A pesquisa identificou ainda uma “centralidade quase exclusiva do celular como meio de acesso à internet entre crianças e adolescentes das classes populares”. Segundo o estudo, isso tem impactos na sua situação de exclusão.

O estudo cita o levantamento TIC Kids Online Brasil, de 2019, que mostra que 1% das crianças e jovens de 9 a 17 das classes D e E só tem acesso à internet pelo computador; 73%, pelo celular; e 20% em ambos equipamentos. Já nas classes A e B, esses percentuais são invertidos: respectivamente, 1%, 25% e 74%.

O estudo da Locomotiva e da Cufa lista problemas em depender apenas do celular. Segundo eles, nem todos os modelos de smartphone têm boa capacidade de processamento de dados e alguns desses territórios sofrem com sinal de internet de má qualidade.



# Artigo: Prolongada interrupção das aulas ameaça o futuro de toda uma geração de crianças e adolescentes

09 DE NOVEMBRO DE 2020



Suellen Pires, de 28 anos, vive com as três filhas na Vila Kennedy, Zona Oeste do Rio.

Foto: Gabriel Monteiro/Agência O Globo.

RIO - Além das aflições que impõe hoje à sociedade, que vive em estado de insegurança permanente, a pandemia do novo coronavírus está escrevendo a crônica de uma tragédia anunciada para os que se encontram na base da pirâmide social.

A prolongada interrupção das aulas ameaça o futuro de toda uma geração de crianças e adolescentes pobres, que têm na escolaridade a grande chance de obter empregos dignos, ganhar salários decentes e constituir famílias cujos filhos teriam perspectivas melhores do que as deles próprios.

Não é novidade que a escolaridade é a maior responsável pela redução das desigualdades. Embora programas de transferência de renda tenham tido peso relevante no Brasil, o alcance de tal política é limitado e dependente da manutenção do benefício por tempo indeterminado.

O acesso à educação, ao contrário, promove a independência financeira do cidadão, lhe dá condições de caminhar com as próprias pernas, abre novos horizontes profissionais. Essa expectativa, no entanto, pode estar sendo roubada pela ação do vírus e pela reação das autoridades.

É uma realidade que não escapa à percepção dos que sentem mais intensamente na pele as adversidades do momento. Em setembro, uma pesquisa realizada pelo Data Favela, parceria do Instituto Locomotiva com a Central Única das Favelas (Cufa), mostrou que três quartos dos moradores de comunidades têm “muito medo” de que seus filhos percam o ano letivo.

O temor tem fundamento. Sabe-se que o maior motivo da evasão de alunos nas escolas públicas é justamente a repetência. Muitos deles, premidos pela penúria e desmotivados, preferem ingressar prematuramente no mercado de trabalho, dedicando-se a atividades mal remuneradas, o que tende a perpetuar a miséria da família. Segundo a pesquisa, quase metade (47%) dos alunos residentes em favelas receiam que, em algum momento, possam vir a desistir dos estudos.

O quadro é crítico. Mais da metade dos estudantes desse universo (56%) disseram não ter assistido a aulas online desde o início da pandemia, como revelou a pesquisa do Data Favela.

As razões estão associadas à falta de condições materiais. Eles não têm computadores adequados (46%), não dispõem de acesso à internet (25%) ou não conseguem acesso às plataformas onde o conteúdo didático é oferecido (23%).

Quanto mais desfavorecida a família, mais dramática a posição do aluno. Nas camadas D e E, praticamente três quartos (73%) dependem exclusivamente do celular para ter acesso à internet. Para agravar a situação, eles em geral têm aparelhos com capacidade insuficiente de memória e processamento. Além disso, os pacotes de dados costumam ser limitados e o sinal da operadora de telefonia nem sempre é estável nas proximidades de onde moram.

Nesse cenário de desalento, falar em meritocracia, por exemplo, continuará sendo imoral e perverso. O critério, caro aos liberais, pressupõe igualdade de oportunidades, cujos resquícios a crise do coronavírus está aniquilando rapidamente.

Caso o problema não seja atacado com disposição, a atual conjuntura desoladora projetará sua sombra nas próximas décadas, com perda para todos, pois esgarçará nosso já frágil tecido social.

**Renato Meirelles** é presidente do Instituto Locomotiva e **Celso Athayde** é fundador da Central Única das Favelas